

O FAZER ETNOGRÁFICO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A ETNOGRAFIA DA COMUNICAÇÃO

DOING ETHNOGRAPHY: CONSIDERATIONS ABOUT THE ETHNOGRAPHY OF COMMUNICATION

Marco André Franco de Araújo¹
Thiago Morais de Araújo²

“Fazer etnografia” em outra cultura envolve primeiramente e acima de tudo o trabalho de campo, incluindo a observação, a resposta de perguntas, participação em atividades de grupo, e testar a validade das percepções de um contra as intuições de nativos. (SAVILLE-TROIKE, 2003, p. 3)

Resumo: Este artigo apresenta um panorama da etnografia enquanto método de pesquisa, suas bases conceituais e procedimentos de coleta e análise de dados tendo como base um relato de experiência em sala de aula de uma escola pública, e, também, apresenta as definições de teóricos da etnografia da comunicação. De acordo com teóricos como Saville-Troike (2003) e Hymes (1962, 2001), serão discutidos os conceitos de competência comunicativa, como também serão levantadas considerações sobre os eventos de comunicação e os componentes de comunicação.

Palavras-chave: Etnografia. Etnografia da comunicação. Eventos de fala.

Abstract: This article presents an overview of ethnography as a research method, its conceptual basis and collection procedures and data analysis based on a case study experience in a group of a public school, and also presents the theoretical definitions of the ethnography of communication. According to theorists like Saville-Troike (2003) and Hymes (1962, 2001), the concepts of communicative competence will be discussed, as will also be raised considerations of communication events and communication components.

Key-words: Ethnography. Ethnography of communication. Communicative events.

Introdução

¹ Mestrando em Estudos Linguísticos - Universidade Federal de Goiás. Licenciado em Letras: Português/Inglês - Universidade Estadual de Goiás. Especialista em Neuropedagogia Aplicada à Educação – FABEC.

² Mestrando em Letras e Linguística, na Universidade Federal de Goiás . Especialização em Linguística Aplicada: ensino e aprendizagem de LE, na Universidade Federal de Goiás Graduação em Letras: Português/Inglês.

A etnografia, enquanto método de pesquisa visa compreender através da observação, como as pessoas se organizam socialmente e como se interagem no grupo, sociedade em que vivem, com foco no comportamento, e, também, em aspectos sociais desse grupo de pessoas (REES; MELLO, 2011; SAVILLE-TROIKE, 2003).

Conforme esclarecem Pereira e Lima (2010, p. 11) um dos objetivos da etnografia é “compreender os significados atribuídos pelos próprios sujeitos ao seu contexto, a sua cultura, assim a pesquisa etnográfica se utiliza de técnicas voltadas para descrição densa do contexto estudado”. Nesse sentido, a ideia deste trabalho é apresentar conceitos, especificidades sobre a etnografia como método de pesquisa, levando o leitor a uma melhor compreensão do assunto como um todo.

Iniciamos a discussão apresentando com base em teóricos com o Watson-Gegeo(2010), Saville-Troike (2003) entre outros, a definição do termo etnografia e de como ela é vista enquanto método de pesquisa. Para tanto, apresentamos um relato de experiência e os caminhos traçados para a coleta e análise de dados desta pesquisa etnográfica. A experiência ocorreu em uma sala de aula de língua inglesa de uma turma jovens e adultos (doravante EJA) no primeiro semestre de 2015 e alguns dos instrumentos utilizados para a coleta foram: entrevistas estruturadas e semi-estruturadas, relatos orais, gravação de aulas, etc.

Em seguida, discutimos a etnografia da comunicação, levando em consideração a competência comunicativa pontuada por teóricos com Hymes (1962, 2001), Corbett (2003), entre outros. Discutimos também, com base em Saville-Troike (2003) os conceitos de eventos de comunicação, e, por fim, apresentamos os componentes que permeiam os eventos de comunicação oriundos da etnografia da fala.

1. A pesquisa etnográfica

Podemos compreender a etnografia como um método de pesquisa que se concebe através dos atos de “observar” e “ouvir”, ou seja, direciona o pesquisador a se despir de seus costumes, crenças e comportamentos, da sua cultura, para se situar e se posicionar diante uma nova realidade: a cultura e os comportamentos do outro. Assim, o

pesquisador se envolve observando, de maneira efetiva e intensa como os indivíduos de uma comunidade se comportam e como as formas de interação dessas pessoas são organizadas socialmente.

A etnografia como método de pesquisa em contextos educacionais diferenciados, inclusive os relacionados à sala de aula de línguas teve popularidade há pouco tempo. A etnografia se baseia, então, no estudo do comportamento dos indivíduos em contextos naturais e dinâmicos, ou seja, tem seu foco no comportamento de um grupo de pessoas e, também, em aspectos culturais predominantes dessa comunidade (LADEIRA, 2007; REES; MELLO, 2011; RODRIGUES JUNIOR, 2007; SAVILLE-TROIKE, 2003, WATSON-GECEO, 2010).

Sobre a etnografia Rees e Mello esclarecem que

o termo *etnografia* tem sido usado de maneira holística para se referir à descrição da cultura de uma comunidade ou sociedade, entendendo-se por cultura o que as pessoas precisam saber ou fazer para serem aceitas como membros de uma dada comunidade (REES; MELLO, 2011, p. 32).

Quando se refere à maneira holística da etnografia, Watson-Gegeo (2010, p. 520) esclarece que “a etnografia é holística, o que significa que qualquer aspecto da cultura ou do comportamento deve ser descrito e explicado em relação à totalidade do sistema do qual faz parte”. Ainda sobre o caráter holístico da etnografia, Rees complementa que “a etnografia é holística, uma vez que considera os contextos em que o evento cultural se insere” (REES, 2003, p. 62)

Nesse sentido, a etnografia direciona todo o seu foco nos comportamentos dos indivíduos dentro de sua comunidade, levando em consideração sua cultura, hábitos e tudo aquilo que é predominante culturalmente naquele grupo.

De acordo com Corbett (2003) a etnografia nos estudos da linguagem ganhou um foco cada vez maior no aspecto intercultural do ensino de línguas. Para o autor, o método de pesquisa é originário dos estudos culturais antropológicos e se refere a descrições feitas de comunidades. Ainda para o autor, a etnografia a princípio “emerge o

pesquisador no campo de trabalho da cultura alvo por um longo período, visando relatar o comportamento e o contexto social, particularmente o comportamento linguístico”(CORBETT, 2003, p. 96) dos indivíduos dentro dessa comunidade.

Para Saville-Troike

a etnografia é um campo de estudo que se preocupa principalmente com a descrição e análise da cultura, e a linguística é um campo em questão, entre outras coisas, com a descrição e a análise de códigos da fala (SAVILLE-TROIKE, 2003, p. 01).

Enquanto método de pesquisa, a etnografia se enquadra no paradigma qualitativo ou interpretativista da pesquisa (CANÇADO, 1994). De acordo com Esteban (2010, p. 127), “a pesquisa qualitativa em educação é uma atividade orientada à compreensão de fenômenos educativos e sociais, à transformação de práticas e cenários socioeducativos, à tomada de decisões”.

De acordo com Lüdke e André (1986, p. 17) o pesquisador deve apresentar as seguintes características:

(...) a pessoa precisa ser capaz de tolerar ambiguidades; ser capaz de trabalhar sob sua própria responsabilidade; deve inspirar confiança; deve ser pessoalmente comprometida, autodisciplinada, sensível a si mesma e aos outros, madura e consciente; e deve ser capaz de guardar informações confidenciais. Desde os contatos iniciais com os participantes, observador deve-se preocupar em se fazer aceito, decidindo quão envolvido estará nas atividades e procurando não ser identificado com nenhum grupo particular. Esses cuidados são fundamentais para que ele consiga obter as informações desejadas.

Diante disso, o pesquisador se depara com uma importante tarefa, que é a de avaliar e analisar de acordo com seu arcabouço teórico os dados que lhe serão proveitosos e fundamentais. Essa tarefa é importante, pois, o pesquisador precisa reduzir a gama de informações coletadas a fim de que caiba em sua realidade sistemática.

De acordo com Spradley (1980) apud Rees e Mello (2011, p. 36):

Quanto mais você conhece uma situação na condição de participantes comum, mais difícil é estudá-la como etnógrafo [...], quanto menos familiarizado você está com uma situação social, mais capaz você será de perceber as regras culturais tácitas em funcionamento Spradley.

O pesquisador etnográfico precisa questionar o familiar, isto é, ele precisa conhecer a realidade investigada de modo mais aprofundado. É bastante relevante conhecer a fundo o campo pesquisado, com o propósito de compreender o que é comum para ele naquele campo. Nessa perspectiva, Erickson (1986) sugere algumas perguntas que podem auxiliar o pesquisador etnográfico e a levá-lo a essa compreensão mais dinâmica e sistemática.

- O que especificamente está acontecendo aqui?
- O que essas ações significam para as pessoas envolvidas no momento em que elas ocorrem?
- Como os acontecimentos são socialmente organizados e quais são os princípios culturais que integram o cotidiano das pessoas?
- De que maneira os acontecimentos que ocorrem no local (por exemplo, a sala de aula) estão relacionados com outros acontecimentos que acontecem em outros níveis do contexto (por exemplo, a escola como um todo, a família, a comunidade externa etc)?
- Como os acontecimentos e as ações que ocorrem no local estão relacionados ou podem ser comparados com outros modos de organização social em outros contextos? (ERICKSON, 1986, p. 36).

Com isso, podemos compreender que além de ser um método de pesquisa que se enquadra nos paradigmas das pesquisas qualitativas, a etnografia se difere dos outros tipos de pesquisa qualitativa, uma vez que pela “forma holística como trata o fenômeno, ou seja, examina o fenômeno em relação à cultura e ao comportamento dos participantes no contexto social como um todo, ao invés de focalizar apenas um dos seus muitos aspectos” (REES; MELLO, 2011, p. 32). A seguir, discutiremos algumas das formas utilizadas pelos pesquisadores para a coleta e análise de dados na pesquisa etnográfica.

2. A sala de aula de língua inglesa do EJA: o relato de experiência

A etnografia da comunicação tem sua base na antropologia como também na linguística, e visa à compreensão de aspectos culturais de uma determinada comunidade, levando em consideração a interação verbal entre os indivíduos pertencentes aquele grupo, ou seja, a etnografia da comunicação objetiva relatar como acontece o comportamento comunicativo no contexto social de uma comunidade. (SAVILLE-TROIKE, 2003; REES;

MELLO, 2011; HYMES, 1962; BAUMAN; SHERZER, 1975).

No contexto de sala de aula de línguas estrangeiras, a etnografia é considerada importante e uma alternativa para melhor compreender o processo de ensino-aprendizagem, visto que

ela permite tratar de questões teóricas e práticas sobre o que está acontecendo no momento em que a L2/LE está sendo ensinada e aprendida, além de poder compreender vários aspectos do contexto institucional da escola, entre eles as pressões sociais que os professores e alunos sofrem, as políticas de ensino e uso da(s) língua(s), os fatores sociais que afetam o planejamento educacional, os discursos concorrentes (REES; MELLO, 2011, p. 35).

Assim, podemos compreender que, com a utilização da etnografia da comunicação em sala de aula, o pesquisador está então interessado na estrutura do sistema semântico e nas expressões linguísticas, mas, antes de tudo, o foco é centrado no uso da língua no contexto social e no uso social das formas linguísticas na comunicação. (BAUMAN; SHERZER, 1975).

O objetivo deste estudo etnográfico foi investigar e analisar os significados culturais de uma sala de aula de língua inglesa (doravante LI) de EJA de uma escola pública. Com base nisso, compreendemos como os alunos(as) entendem/definem a LI em suas vidas, bem como em seu processo ensino-aprendizagem, isto é, as dificuldades que eles encontram em sua aprendizagem.

A escola fica situada na região metropolitana de Goiânia, e dispõe de uma boa estrutura que se adequa as necessidades dos alunos ali matriculados. Todas as sete salas de aula são compostas de quadro branco, dois ventiladores e um pequeno armário para que os professores possam guardar materiais e demais objetos que são utilizados durante suas aulas. Além disso, a escola é composta por uma sala de professores ampla com computador com acesso a internet, uma secretaria, uma sala para coordenação e diretoria, além de uma sala de informática com computadores seminovos com acesso a Internet e uma quadra esportiva para demais atividades. A escola possui uma cozinha e banheiros, além de um banheiro específico para alunos portadores de necessidades especiais.

No turno noturno em que o programa EJA acontece, nem todas as salas de aula são utilizadas, pois não há público suficiente, entretanto, todos possuem os mesmos direitos e têm acesso a todos os recursos e ambientes que a escola fornece. Os alunos do EJA têm a oportunidade de jantar na escola, isso ocorre em substituição ao lanche que acontece no diurno, pois a secretaria municipal de educação (doravante SME) entende que os alunos do noturno vão direto do trabalho para a escola.

Levando em consideração os horários e as particularidades dos alunos do EJA, a escola realiza ao fim de cada mês uma mudança no horário de aulas em relação às disciplinas. Isto é, o aluno que não consegue chegar pontualmente às 19:00 horas, e acaba perdendo o conteúdo da primeira aula da noite, ao fim do mês a coordenação se encarrega de transferir a disciplina do primeiro horário para o último, a fim de que o aluno não perca parte do conteúdo ministrado. Sendo assim, o aluno terá a oportunidade de se organizar e não perder as atividades que os professores realizam em suas aulas.

De acordo com a Proposta Político-Pedagógica/Goiânia:

O EAJA está intrinsecamente voltada para inclusão de pessoas em contextos sociais, econômicos, culturais e geracionais diferenciados. Nessa perspectiva, ela se relaciona à educação popular, visando a emancipação dos sujeitos. Oferece flexibilidade no horário de início e término da jornada diária, respeitando as condições do educando, sem comprometer a qualidade do ensino ou ferir os dispositivos legais (Proposta Político-Pedagógica/Goiânia, 2013, p. 10).

A partir do ano de 2000, a SME implementou uma política educacional direcionada aos adolescentes, jovens e adultos do período noturno. Esse público sempre apresentou sua especificidade, pois a maioria dos alunos já são trabalhadores e recorrem à escola noturna como única oportunidade de continuar sua formação escolar. Sendo assim, no período em que a SME estruturou o EJA, percebeu-se a necessidade de incluir ao programa, além dos jovens e adultos, os adolescentes também.

No que tange ao ensino de LE (Inglês) no EJA, o professor deve proporcionar aos alunos, além de uma contribuição na sua formação global, o acesso aos conhecimentos e às informações circulados na mídia, nos livros didáticos, etc. de modo que eles possam intervir criticamente no mundo em que estão inseridos.

A coleta de dados ocorreu no primeiro semestre de 2015. A turma investigada

foi de uma professora de Inglês dessa escola, a 6ª série, e a escolha por essa turma se deu pelo simples motivo de ser um grupo de alunos bem heterogêneo, ou seja, alunos com uma faixa etária bem diversificada. Em outras turmas como 7ª ou 8ª série, não é tão comum ter muitos alunos com idade mais avançada, pois os alunos (adolescentes ou jovens) dessas turmas são normalmente aqueles que são reprovados no ensino diurno e vão para o noturno a fim de prosseguir com os estudos. Em relação aos alunos mais idosos, muitos deles não chegam a 7ª ou 8ª série por diversas razões, desde o fato de não se sentirem confiantes o suficiente para prosseguir com os estudos até motivos pessoais e familiares.

Para que a coleta fosse efetivada, obtemos a autorização de cada um dos alunos envolvidos nesse estudo. Todos os alunos da turma concordaram em participar do estudo bem como a professora.

- **2.1 As aulas observadas e os materiais utilizados**

As aulas de Inglês na 6ª série ocorriam nas quartas, quintas e sextas feiras, mas devido ao revezamento de horário realizado pela coordenação, os alunos não chegavam a ter aulas de Inglês em duas quartas feira do mês, o que resultava em duas aulas de LE na semana. Os dados foram coletados durante as aulas com os instrumentos já mencionados na seção 2.1.

Os materiais utilizados pela professora de Inglês eram quadro branco, textos autênticos e os textos do livro didático direcionado ao EJA, que por sua vez se assemelhavam aos conteúdos e textos dos livros didáticos voltados para o ensino de adolescentes. No entanto, podemos levantar a hipótese de que os textos contidos nos livros não correspondiam necessariamente à realidade dos alunos do Noturno. Ademais, a professora realizava atividades em duplas e/ou individual, e aplicava avaliações ao fim de cada mês.

- **2.2 Os participantes da pesquisa**

Os alunos possuem idades distintas entre 15 a 50 anos, e por se tratar de alunos do programa EJA, nosso interesse ficou ainda maior, pois cada um possui uma experiência

escolar diferente, em diferentes épocas e circunstâncias diferenciadas. Alguns alunos que pertencem ao EJA, não tiveram oportunidades de estudar enquanto jovens, se tratando dos alunos mais experientes. Tal situação nos deixou ainda mais intrigado quanto ao conhecimento de língua inglesa que esses alunos possuem, e quais as crenças que perpetuam em seu processo de aprendizagem. Sendo assim, destacamos a relevância desse estudo para esse contexto, para que possamos compreender as causas de como os alunos aprendem e quais os significados culturais que emergem as diversas circunstâncias em sala de aula.

Todos os alunos possuem alguma atividade secular durante o dia, seja o trabalho, seja cuidar de sua casa (no caso das donas de casa), e as atividades seculares são as mais variadas possíveis, desde vendedores, pedreiros, atendentes até donas de casa, serventes de pedreiros, trabalhadores autônomos, etc. Cada um com suas especificidades, necessidades e motivações para voltar aos estudos.

Todos os alunos possuíam certa dificuldade de aprender Inglês, por muitas vezes considerada por eles uma língua “de outro mundo” e extremamente difícil de ser aprendida. A professora da turma se preocupava com a aprendizagem de seus alunos e de uma forma ou de outra procurava incluir a língua inglesa durante as aulas, sendo por saudações como “*Good Evening*”; “*Hi students!*”, bem como frases um pouco melhor elaboradas que a cada dia ela trabalhava e os incentivava a utilização delas, tais como: “*May I go to the bathroom?*”; “*Hi students, how are doing?*”; “*Good night students, see you next class!*”, etc. frases que ela tentava incluir no dia-a-dia de suas aulas. Como afirmado anteriormente, muitos alunos chegam atrasados as aulas, o que pode ser considerado como um fator prejudicial a sua aprendizagem, além do fato da grande quantidade de faltas que ocorre durante o ano letivo. As aulas têm duração de 40 a 45 minutos.

Abaixo, apresentaremos o quadro de participantes desse estudo. Nas análises, utilizaremos pseudônimos que foram escolhidos pelos próprios alunos.

PSEUDÔNIMO	FAIXA ETÁRIA	EXPERIÊNCIA ANTERIOR COM A LÍNGUA INGLESA
JOÃO LUCAS	ACIMA DE 40 ANOS 15 – 22 ANOS	NENHUMA ESCOLA REGULAR

MARIA	29 – 34 ANOS	ESCOLA REGULAR
CLÁUDIA	ACIMA DE 40 ANOS	NENHUMA
JÚNIOR	15 – 22 ANOS	ESCOLA REGULAR
PAULO	23 – 28 ANOS	ESCOLA REGULAR
TEREZINHA	ACIMA DE 40 ANOS	JÁ MOROU ALGUNS MESES NOS E.U.A E VISITA A FILHA NAS FÉRIAS

Quadro 1: Alunos(as) da turma: 6ª série

PROFESSORA	FAIXA ETÁRIA	EXPERIÊNCIA COM O ENSINO DE INGLÊS	EXPERIÊNCIA COM O ENSINO EJA
ANA PAULA	29 – 34 ANOS	5 ANOS (somente em escola regular)	1 ANO

Quadro 2: Professora da turma

3. Instrumentos para coleta e análise de dados

Em um estudo de caso etnográfico, o pesquisador procurará representar os diferentes e conflitantes pontos de vista presentes na situação social, de modo a compreender como esses discursos conflitantes configuram aquela realidade cultural, oferecendo oportunidades relevantes ao pesquisador sobre o objeto de estudo (LÜDKE & ANDRÉ, 1985; ANDRÉ, 2005).

Lançamos mão de alguns instrumentos, tais como: questionários, gravação de aulas em áudio e vídeo, diários, anotações de campo, entrevistas semiestruturadas e entrevistas não-estruturadas com o objetivo de tornar o processo o mais compreensível possível do ponto de vista dos participantes.

- Questionários: Aplicamos um questionário com questões abertas e fechadas a respeito de experiências anteriores de aprendizagem de línguas estrangeiras. É o instrumento mais usado para levantar dados sobre o perfil dos participantes – idade, sexo, profissão, escolaridade etc. Também para investigar o conhecimento, os hábitos, os interesses, as opiniões, as experiências de vida entre outras particularidades da pesquisa. Poderão constar perguntas abertas e fechadas;

- Entrevistas semiestruturadas com perguntas baseadas nos questionários, gravadas em áudio com a autorização dos alunos. As entrevistas têm um caráter formal e seguem uma agenda pré-determinada;

- Entrevistas não estruturadas são entrevistas que não foram, de certo modo,

planejados por nós. Enquanto pesquisadores, não exercemos influência ou controle no momento da entrevista, bem como não tomamos mão de uma agenda com perguntas pré-estabelecidas. As respostas dadas pelo entrevistado guiarão as perguntas e poderão levar a um resultado impreciso e/ou inesperado. Dessa forma, REES e MELLO (2011, p. 40) afirmam que “são nesses momentos que surgem novas interpretações ou questionamentos importantes para análise de dados não planejados ou pensados anteriormente e que podem suscitar outras indagações.” A desvantagem desse instrumento de coleta de dados é o perigo de perder o foco e o objetivo com a entrevista, sendo que em alguns casos, o entrevistado começa a falar sobre assuntos incoerentes ao objeto de estudo. De qualquer modo, a entrevista etnográfica segue parcialmente esse modelo, pois não se pode prever quais resultados alcançar e quais respostas obter em uma entrevista.

- Gravação de aulas em vídeo para dar mais subsídios à análise de dados. Por meio de gravações, podemos ter a vantagem de checar e analisar melhor certos aspectos do processo de ensino e aprendizagem que jamais seriam obtidos de outra forma. Uma vez que aspectos relacionados à interação entre alunos, professor, bem como fatores emotivos e ações no momento exato em que os participantes estavam em sala de aula, podem ser questionados após, ou seja, o pesquisador tem a oportunidade de avaliar e reavaliar tais situações;

- Diários e notas de campo do professor-pesquisador com anotações do que acontecerá em sala de aula em relação às ações dos alunos, no que concernem aos significados culturais da sala de aula ou eventuais diferenças com as respostas esperadas na entrevista e nos questionários. O diário é bastante importante, pois o pesquisador coloca suas impressões, sentimentos e opiniões sobre seu estudo. Já as notas de campo, tal como sugere Spradley (1980) devem ser feitas por meio de descrições densas, em que o pesquisador procura anotar/descrever exatamente o evento em sala de aula, por exemplo, ao anotar “Há uma grande algazarra em sala de aula”, escreva, “o Aluno A está batendo no aluno B e os alunos H e K estão sentados no chão chorando” e assim por diante. É muito importante anotar as palavras exatas dos participantes, isto é, na forma verbatim ao invés de fazer paráfrases. Por exemplo, em vez de escrever, “Aluno B disse que estava cansado”, escreva “Aluno B: Gente, tou morta. Não tou aguentando.” Esta análise é feita a partir das

palavras dos participantes. Quanto mais o pesquisador procura ser fiel em suas descrições, mais ele se aproxima do que se passa no ambiente investigado. “Por outro lado, o uso de uma descrição geral e não concreta dos atos dos participantes impede uma análise mais acurada dos mesmos, já que a generalização é uma análise antecipada” (WATSON-GEGEO, 2010, p. 43).

Para a análise dos dados contidos nessa pesquisa, teremos como base a análise dos domínios culturais que Spradley (1980) sugere. Para ele, a pesquisa etnográfica é cíclica, ou seja, a partir das primeiras análises surgem novas análises mais aprofundadas e esse movimento caracteriza o estilo de análise que essa pesquisa propõe. Nesse sentido, as perguntas de pesquisa vão surgindo e reconfigurando as perguntas pré-estabelecidas no início desse estudo.

No que diz respeito aos domínios culturais, Spradley (1980) explica-os da seguinte maneira:

O domínio cultural é uma categoria de significado cultural que inclui outras categorias menores. Considere o tipo de ator que apareceu perante os membros do júri: testemunhas. Uma vez que essas pessoas tinham sido definidas como testemunhas, nós, os júris, já não os víamos apenas como pessoas, mas um tipo especial de pessoa. “Testemunha” foi uma categoria cultural, uma unidade básica de significado cultural no contexto de júris. Sabíamos que era uma categoria, uma unidade básica de significado cultural que incluiu outras categorias menores, porque o promotor dizia coisas como: “agora vamos ouvir a testemunha especialista”, ou “agora vamos ouvir as testemunhas de defesa”. “Tipos de testemunhas” foi um domínio cultural importante nesta cena (SPRADLEY, 1980, p. 88).

Com base nisso, partiremos da análise dos domínios culturais (SPRADLEY, 1980) que podem ser constituídos de três elementos básicos: termo geral, termos incluídos e relação semântica. O termo geral refere-se ao domínio cultural a ser analisado, os termos incluídos são categorias menores encontradas dentro do domínio cultural a ser analisado, e a relação semântica faz a ligação entre os outros dois elementos do domínio cultural. Podemos melhor compreender de acordo com o quadro abaixo:

Included Terms (termos incluídos)	Semantic Relationship (relação semântica)	Cover terms (termo geral)
X	é uma atribuição de	Y

Quadro 3: Relações semânticas universais

Na próxima sessão, discutiremos a análise dos dados onde apresentaremos os significados culturais que esses participantes possuem sobre a LI. Ou seja, buscaremos discutir como eles/elas definem a LI em suas vidas e em seu processo de ensino e aprendizagem.

4. Discussão dos dados

A língua inglesa em um contexto de EJA pode ser caracterizada como uma disciplina desafiadora e bastante difícil. Desde o primeiro momento em que estivemos em sala de aula a fim de observar os alunos e a professora, percebemos a dificuldade dos alunos em acompanhar as atividades propostas por ela.

Nosso primeiro contato oficial com a turma sucedeu pela necessidade de apresentar a eles a pesquisa, os objetivos e nossos motivos pessoais por ter escolhido a 6ª (sexta) série e não outra turma. Os alunos foram bem agradáveis e gentis, e aceitaram de bom grado em participar deste estudo. Após a apresentação da pesquisa, todos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Logo em seguida, foi aplicado o primeiro questionário com o objetivo de conhecê-los enquanto alunos de Inglês do EJA, e procurar compreender um pouco das dificuldades, bem como a familiaridade que possuem com a língua inglesa.

No questionário, em uma das perguntas abertas, buscamos entender como havia sido o primeiro contato em que tiveram com a língua inglesa em suas vidas, durante sua trajetória escolar e até mesmo naquele ano, e como se sentiam nas aulas de inglês da 6ª série. Algumas dessas informações podem ser apresentadas em algumas respostas:

Recorte – 1

Paulo: A minha primeira aula de inglês foi legal, mas eu fiquei muito perdido porque é muito difícil de entender o inglês, mas foi bom.

João: O inglês para mim está difícil por enquanto, desde o primeiro dia. As letras tem diversos significados.

Lucas: Eu fiquei aliviado porque ela não era feia. Mas ela é complicada de entender.

Maria: Eu fiquei perdida porque não estava entendendo.

Nesse primeiro questionamento, podemos perceber claramente que os alunos possuem dificuldades com a língua desde o primeiro momento em que começaram a estudar, e essas dificuldades resultaram em sensações negativas que persistem até hoje, embora alguns terem afirmado não que tiveram uma má impressão com o primeiro contato, como pudemos perceber nos relatos de Paulo e Lucas.

Levando em consideração a análise dos domínios culturais segundo Spradley (1980), conseguimos visualizar os atributos da língua inglesa para esse grupo de alunos:

Included Terms (termos incluídos)	Semantic Relationship (relação semântica)	Cover terms (termo geral)
Difícil;		
As letras têm diversos significados;	é um atributo da	Língua Inglesa
Complicada de entender		
Se sentir perdido/a.		

Quadro 4: Atributos da LI

Podemos notar que para esses alunos a língua inglesa ainda representa um grande desafio a ser superado. Com esses relatos, podemos perceber claramente que os alunos demonstram certo pessimismo com sua aprendizagem e que conseguem apenas destacar os pontos negativos desse processo de aprender Inglês.

Contudo, há aqueles que mesmo cientes de sua dificuldade em aprender a língua, conseguem perceber certa melhoria em sua aprendizagem no decorrer do tempo, visto que a pergunta tinha o objetivo de revelar o processo de aprendizagem deles no percurso escolar. Observemos o relato abaixo:

Recorte – 2

Cláudia: Eu fiquei perdida na aula de Inglês por que não entendia nada. Eu não conhecia nada de Inglês. Já hoje, melhorei bastante.

A fala de Cláudia é um pouco diferente dos demais alunos, pois ela consegue compreender que além de suas dificuldades, que ainda persistem, houve certa melhoria, isto é, ela tem aprendido aquilo que é passado através da professora e com isso o Inglês tem se tornado comum a ela. De certo modo, presume-se que o Inglês tem se tornado comum para os alunos, principalmente os que frequentam mais as aulas, apesar das dificuldades que todos demonstraram ter. Mas o interessante de se observar é o fato de que Cláudia foi a única aluna que destacou seu rendimento como aluna de Inglês ao dizer que melhorou bastante.

Além de Cláudia, o relato de outro aluno me chamou a atenção no que concerne a sua aprendizagem de Inglês.

Recorte – 3 (Questionário)

Júnior: Felicidade, era ainda muito jovem e com o início do aprendizado de outro idioma, me sentia estar ficando mais maduro.

O relato de Júnior é bastante diferente dos demais, pois ele consegue perceber apenas aspectos positivos no que condiz a sua aprendizagem de língua inglesa. Para ele, o contato inicial com o idioma lhe trouxe “felicidade” e conseqüentemente, a sensação de “maturidade” com o processo que vivenciara.

É interessante observar que há um discurso predominante de língua “difícil”, “complicada” atrelada às sensações que os alunos tinham de estar “perdido/a” durante as aulas, em detrimento a sensação de “felicidade” que o aluno Júnior trouxe, juntamente com o relato otimista de Cláudia, quando afirmou que “melhorou bastante” desde que começou a estudar Inglês. Isso nos leva a pensar que, há experiências um pouco diferenciadas no que tange ao aprendizado de Inglês desses alunos.

É notória a grande dificuldade que os alunos têm em aprender Inglês. E de acordo com suas respostas e até mesmo no decorrer da coleta de dados, percebe-se que essa insatisfação com a aprendizagem de Inglês vem desde experiências escolares anteriores. Em outra pergunta do questionário procuramos saber se eles já haviam estudado Inglês antes, seja em alguma escola de Inglês, em escola regular, ou em algum outro contexto de

aprendizagem, isto é, procuramos levantar o histórico de sua aprendizagem de Inglês antes de ingressarem a 6ª série, com o intuito de conhecer o contato anterior que tiveram com a língua inglesa. A pergunta era: **Você já estudou Inglês antes? Caso afirmativo diga onde, quando e por quanto tempo.**

Recorte – 4 (Questionário)

Paulo: Sim, já estudei mas foi em 2011, em Trindade-GO na escola que estudava. Durante 1 ano.

João: Sim, no SESI, por 6 meses.

Maria: Sim, na escola Geralda de Aquino, durante 1 ano.

Júnior: Cheguei a aprender Inglês sozinho na Internet, não me esforcei, o estudo foi espontâneo, quando dei por certo já sabia um pouquinho.

Cláudia: Sim, foi na Escola Geralda de Aquino após um ano e meio.

Lucas: Na escola Geralda de Aquino. Durante 1 ano.

A maior parte dos alunos respondeu ter tido pouca experiência com o Inglês, visto que havia sido na própria escola em que estudavam ou em outras escolas. Porém, o relato de Júnior é bastante curioso, pois ele não mencionou a palavra “escola” como referência de aprendizagem de Inglês, por sua vez, ele disse que a “Internet” foi o instrumento que possibilitou a ele a aprendizagem dessa língua. De acordo com análise dos domínios culturais (SPRADLEY, 1980), podemos notar que para os demais alunos:

Included Terms (termos incluídos)	Semantic Relationship (relação semântica)	Cover terms (termo geral)
A escola	é um local para	aprender Inglês

Quadro 5: Local para aprendizagem de LI

Para o aluno Júnior, a análise dos domínios culturais se apresenta de forma um pouco diferenciada:

Included Terms (termos incluídos)	Semantic Relationship (relação semântica)	Cover terms (termo geral)
A internet	é um meio de	aprender Inglês

Quadro 6: Meio para aprender LI

Ao questionar sobre as principais dificuldades que eles enquanto alunos de EJA encontravam em relação ao Inglês, obtemos as seguintes respostas:

Recorte – 5 (Questionário)

Lucas: Falar Inglês.

Maria: Minha principal dificuldade é falar Inglês, porque minha professora é muito boa no Inglês.

Júnior: Memorizar palavras que estão fora do meu cotidiano.

Cláudia: Eu acho que ler as questões, as vezes a gente lê mais não entende nada.

Paulo: A minha maior dificuldade é escutar, porque é muito difícil entender as palavras em Inglês.

João: Entender os nomes e as palavras.

Ao usar as análises das relações semânticas, sugeridas por Spradley (1980), podemos entender melhor como a língua inglesa, esse domínio cultural, é descrito por esses participantes, como podemos exemplificar com a ilustração do quadro 3.1. Ademais, algumas causas particulares os impedem de se sentir confiantes e em relação à aprendizagem de Inglês. Para eles, as principais dificuldades com o idioma podem ser compreendidas de acordo com o quadro abaixo:

Included Terms (termos incluídos)	Semantic Relationship (relação semântica)	Cover terms (termo geral)
Falar; Memorizar palavras que estão fora do cotidiano; Ler as questões e entendê-las; Escutar e entender.	é a causa de	não aprender Inglês

Quadro 7: Causas de não aprender LI

Podemos observar que possuem dificuldades um pouco similares. Para esses alunos, a compreensão da língua inglesa no âmbito da fala, bem como ler e entender seu significado, escutar a palavra e memorizar são aspectos de destaque, pois, esses fatores isto é, as causas que eles apresentaram em não aprender Inglês foram construídas com o decorrer do tempo, com base em suas experiências anteriores com a língua, com os outros professores que tiveram, e acima de tudo, de acordo com a concepção que possuem em relação à língua inglesa, ou seja, com sua compreensão/visão cultural da língua. Percebemos pelas respostas apresentadas ao questionário, que eles não tiveram contato com a língua em outras escolas em anos anteriores, no entanto, percebemos que esses alunos foram ao decorrer do tempo, construindo a imagem de um idioma na medida em que este

era apresentado a eles, como uma língua de outro país, difícil de ser “falada”, “entendida”, “memorizada” e etc.

O aluno João foi entrevistado sobre sua aprendizagem de língua inglesa, tal como nota-se no recorte abaixo. João explica que possui dificuldade em entender os “nomes” e as “letras” em Inglês. Ainda explica que, com o tempo e esforço vai, aos poucos, “gravando” algum “nome” na mente. De certo modo, ele se mostra motivado em sua aprendizagem, pois ele acredita que “devagar vai aprendendo”. Observemos abaixo, um trecho da entrevista realizada com ele em que fornece informações sobre sua aprendizagem de língua inglesa.

Recorte – 21 (Trecho da entrevista com João)

- **Pesquisadores:** Então, sua principal dificuldade em aprender Inglês é ...
- **João:** A letra, eu não consigo ler o nome. Eu acho outra maneira né!? Parece que a gente tentar ler o nome, mas não tá certo, na minha cabeça não consigo. Como é o caso ali((**ele aponta o dedo para o quadro em que está escrito a palavra: saber - em Português**)). Ainda mais que tem palavra que tem “W”, “B” e no meio não tem vogal, acho difícil.
- **Pesquisadores:** No Inglês tem várias palavras com várias consoantes ...
- **João:** Isso, tem “P” depois tem “D”.
- **Pesquisadores:** O senhor faz alguma coisa para resolver esse problema?
- **João:** A gente tenta ler e gravar algum nome, vamos supor, perna! Perna em Inglês é ...fala ? ... *leg* né?! Então a gente tenta gravar umas coisas parecidas e mais outras coisas, porque a gente sabe muito pouco. Mas para fazer o nome eu não consigo não! Acho meio dificultoso.
- **Pesquisadores:** Entendi. Então, esse momento da aula o senhor se sente muito desconfortável?
- **João:** Até que não! A gente tenta dar conta das palavras, a gente tenta dar conta daqueles nomes. Eu tento ir para o lado mais fácil pra gente aprender. Por que tenho vontade de aprender.
- **Pesquisadores:** O que é esse lado fácil?
- **João:** Vamos supor! Eu falei das palavras, eu vejo a palavra, eu tento identificar ela na mente e tento ver as letras, pra ver se consigo gravar o jeito das letras, pra mim na hora que eu ver pra saber que nome é aquele, entendeu? Assim, gravando na mente, porque, eu vejo como são as letras e na hora que eu ver já saber qual nome é aquele.
- **Pesquisadores:** O senhor memoriza bastante, certo?
- **João:** Isso, memorizar! Pra ver se facilita pra mim, e se fica mais fácil.
- **Pesquisadores:** O senhor acha que vai precisar do Inglês?
- **João:** Eu acho que sim! Aqui ou acolá a gente vê alguém conversando, a gente tem vontade de saber e não sabe, então a gente tem vontade de aprender pra conversar com outras pessoas.

Ao ser questionado sobre uma possível solução para esse problema, João aponta a “memorização”. Para ele, bem como para tantos outros alunos, o ato de memorizar é bastante comum e possui uma função de facilitar a aprendizagem em um LE, tal como podemos observar nos turnos (6), (10) e (12). A seguir, observemos a análise dos domínios culturais segundo Spradley (1980) no que tange as impressões que João possui acerca de sua aprendizagem de língua inglesa.

Included Terms (termos incluídos) Ter interesse em aprender; Seguir em frente; Uma hora pode precisar; Ir para outro país; Sair e conhecer; Aqui ou acolá vê alguém conversando; Conversar com outras pessoas.	Semantic Relationship (relação semântica) é a razão para	Cover terms (termo geral) estudar Inglês no EJA
Included Terms (termos incluídos) Difícil de pegar; Não conseguir entender os nomes; Letras diferentes; Ter várias palavras com consoantes; Fazer/escrever o nome; Ser dificultoso.	Semantic Relationship (relação semântica) é a causa de	Cover terms (termo geral) não aprender/entender Inglês

Quadro 8: Razões para aprender Inglês e dificuldades em aprender para João

São bastante comuns os motivos que muitos alunos adultos dispõem a respeito da aprendizagem de LE (Inglês). Os motivos de “ir para outro país”, bem como as dificuldades encontradas por eles na aprendizagem por considerarem um idioma “difícil de pegar” ou por experimentarem um processo de leitura e escrita “dificultoso”, entre outras situações encontradas em salas de aula, permite-nos enxergar que há neste contexto, uma microcultura de ensino-aprendizagem de LE focada em leitura, escrita, memorização de palavras soltas e ensino de gramática básica. Apesar de suas dificuldades, João revela que tem conseguido aprender da maneira como a professora tem ensinado. Conforme consta no excerto, o aluno tem buscado através da “memorização” dentre outros meios para aprender a LI.

Considerações Finais

Compreendemos a etnografia como um método de pesquisa qualitativa que visa a compreensão de como as pessoas se organizam socialmente e de como elas se interagem dentro do grupo em que estão inseridas. (REES; MELLO, 2011; SAVILLE-TROIKE, 2003).

Como qualquer método de pesquisa, há a necessidade de que sejam feitas coletas de dados e conseqüentemente a análise desses dados, e na pesquisa etnográfica o pesquisador pode se dispor de muitos instrumentos de coletas de dados como as entrevistas, os relatos, o trabalho de campo, e o mais importante deles: a observação, que por sua vez pode ser a observação participante que pode ter influência do pesquisador na comunidade observada, ou pode se apresentar como estudo de caso de cunho etnográfico, tal como relatado no estudo apresentado.

Assim, nossa intenção com esse trabalho foi de situar os pesquisadores, no caso, os pesquisadores em educação que utilizam o contexto de sala de aula para realização de seus estudos a entender melhor a pesquisa etnográfica, bem como os instrumentos de coleta e os procedimentos de análise de dados.

Referências

ANDRÉ, M. E. D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papyrus, 12ª edição, 2005.

BAUMAN, R.; SHERZER, J. The ethnography of speaking. *Annual review of anthropology* (1975): 95-119.

CANÇADO, M. Um estudo sobre a pesquisa etnográfica em sala de aula. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. São Paulo: Unicamp, 1994. p. 55-69.

CORBETT, J. *An intercultural approach to English language teaching*. Clevedon:

MultilingualMattersLtd., 2003.

ESTEBAN, M. P. S. Bases Conceituais da Pesquisa Qualitativa. In: _____. *Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições*. Porto Alegre: AMGH, 2010. p. 122-144.

GOIÂNIA. Secretaria Municipal de Educação. *Proposta Político-Pedagógica da Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos (EAJA) 2012-2014*. Goiânia, 2013.

HYMES, D. The ethnography of speaking. *Anthropology and human behavior* .Vol. 13, N.53.p. 11-74, 1962.

_____. Models of interaction of language and social life. In: GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. (Eds). *Directions in Sociolinguistics: Ethnography of Communication*. New York: Holt, Rinehart & Wilson, 1972. p. 35-71.

_____. On communicative competence. In DURANTI, A. *Linguistic anthropology*. Malden, MA: Blackwell, p.3-23, 2001.

LADEIRA, W. T. Teoria e métodos de pesquisa qualitativa em sociolinguística interacional. *Revista de Ciências Humanas*, v. 7, n. 1. jan/jun de 2007, p. 43-56.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. de. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: _____. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986. p. 38-44.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. Coleta e análise de dados qualitativos: a entrevista. In: _____. *Metodologia científica para o professor pesquisador*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008. p. 165-194.

PAULA, E. D. de. *Eventos de fala entre os apyãwa (tapirapé) na perspectiva da etnossintaxe: singularidades em textos orais e escritos*. 2012. 268f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

PEREIRA, V. A.; LIMA, M. G. S. B. L. A pesquisa etnográfica: *construções metodológicas de uma investigação*. 2010. Disponível em

<http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT_02_15_2010.pdf>. Acesso em 15 de jan. de 2015.

PEREIRA, E. L. Linguagem e Comunicação: *revisão dos conceitos centrais da etnografia da fala*. Ilha. Revista de Antropologia. Florianópolis, 2009. p. 306-312.

REES, K. *O deslocar de horizontes: um estudo de caso da leitura de textos literários em língua inglesa*. 2003. 201f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

REES, D. K.; MELLO, H. A. B. de. A investigação etnográfica na sala de aula de segunda língua/língua estrangeira. Cadernos do IL. Porto Alegre, n. 42, junho de 2011. p. 30-50.

SPRADLEY, J. *Participant observation*. Fort Worth: Harcourt Brace College Publishers, 1980.

RODRIGUES JUNIOR, A. S. Metodologia sócio-interacionista em pesquisa com professores de línguas: revisitando Goffman. Revista Linguagem e Ensino, v. 8, n. 1, jan/jun de 2005. p.123-148.

SAVILLE-TROIKE, M. *The ethnography of communication*. Oxford: Blakwell Publishing, 2003.

TRINDADE, G. C. O popular e a Educação na Teoria Social. In: FIOREZE, C.; MARCON, T. (orgs.). *O Popular e a Educação: movimentos sociais, políticas públicas e desenvolvimento*, IJUÍ: Editora Unijuí, 2009. p. 13-37.

WATSON-GEGEO, K. A. Etnografia em ensino de segunda língua: definindo o que é essencial. (Trad. MELLO, H. A. B.; REES, D. K.). *Signótica*, v. 22, n. 2, p.515-539. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/13620>>. Acesso em 10 jan. 2015.